

# Editorial

---

Há momentos nos quais mesmo os mais estóicos esmorecem. Geralmente, os motivos para o desalento decorrem da situação socialmente adversa ou inusitada, que escapa à nossa possibilidade de ação. Em tal niilismo embargam-se as emoções que presidem o julgamento cotidiano, especialmente quando se infringem as expectativas de que a realidade seja tratada de maneira lógica e imparcial, que o individual e particular não submeta o coletivo e universal.

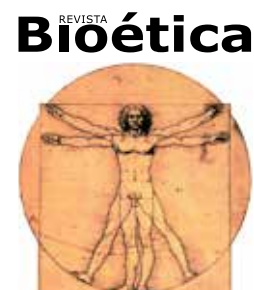
A perda de confiança em pessoas e instituições pode se materializar como a gota d'água que preenche totalmente o recipiente. Pode decorrer de acontecimentos prosaicos, pelo acúmulo de informações que estimulam o descrédito ou pela simples constatação de que raramente as situações chegam ao final esperado. Nessas circunstâncias, a crença na justiça sofre a ação corrosiva da realidade, levando a duvidar que seja possível creditar sentido à existência.

Embora a descrição desse estado pareça desconcertante, nem sempre experimentá-lo produz imediato desconforto, como na primeira vez em que conseguimos desconstruir a noção de causalidade (e de autoridade) que pauta as regras da existência. Ao mergulhar nesse novo mundo, no qual as amarras preconcebidas deixam de fazer sentido, por perder o poder de tolher nossa consciência e movimentos, exploramos como adolescentes a possibilidade de transgredir as regras que herdamos e consideramos nefastas, na esperança de transformar a ordem social. No afã dessa ruptura e para celebrar essa recém-descoberta “liberdade” existencial, tendemos a confrontar com violência os símbolos do poder, especialmente se a opressão de nossa existência nos deixou manietados para qualquer outra possibilidade de ação coletiva.

Em gestos de repúdio ao *status quo* são elaborados atos de protesto, ocultos sob uma máscara coletiva. Essa “burca”, que encobre cada um, identifica o descontentamento e instila a revolta, levando os mais afoitos além do limite ao qual chegariam individualmente. A revolta os impele ao agir desenfreado, que cresce turbulento até que se acorde para o fato de que a violência indispensável à transgressão pode voltar-se contra qualquer um. A ruptura não só derruba o arcaico, também abre espaço para outras interpretações da ordem social, inclusive as que negam a possibilidade da existência coletiva.

A apreensão da realidade que provoca tal manifestação de descontentamento assusta a quem apenas assiste a eclosão da rebeldia, identificada como prenúncio da barbárie. Os distúrbios parecem perigosos para os que já arriscaram infringir a ordem estabelecida, mas tiveram que recuar ante os imperativos do modelo hegemônico, ou são vistos como especialmente conflitivos para os que jamais tiveram a ousadia de olhar acima da linha que circunscreve a sensibilidade mediana. Frente à ameaça de perder a noção de humanidade, concretizada no pacto social que organiza a vida coletiva, o medo faz despontar em quase todos o desejo atávico por tudo o conhecido e classificado, mesmo por aquilo que anteriormente era considerado o mal.

Esse diapasão regressivo, que equaciona “mal” e “normal”, baseia-se no resgate de fórmulas tradicionais – bem conhecidas – que voltam a parecer a resposta adequada à necessidade de evitar a perda total de controle. Deixando de ser propostas ultrapassadas, configuram-se pré-requisito para que a vida social possa prosseguir. Assim, mesmo sofrendo abalos, tudo permanece igual, como as partículas de poeira de um tapete sacudido ao sol, que evoluem no ar apenas para assentar em novas composições.



Nesse processo, os centenários sonhos de liberdade, igualdade e fraternidade, que vez ou outra acodem à consciência, voltam a sucumbir como fantasmas destinados ao purgatório da sociedade midiática. Encapsulados no restrito papel de consumidores, que o poder concede para que embalemos cotidianamente nossa utopia, somos engolfados no jogo social no qual nós mesmos embrulhamos o presente que fazemos por merecer.

A catarse coletiva, que levanta a poeira da rebeldia, mas não consegue de fato alterar a ordem social, despende a energia acumulada durante o tempo em que fomos acutilados pelo descalabro e opressão. Depois da purgação retornamos lentamente a ponderar entre a lucidez ofuscante e as crenças acalentadoras, que conduzem a percepção da vida e o comportamento cotidiano. Para sobreviver em meio à intempérie nesse lusco-fusco moral, equilibramos o dia a dia entre pequenas alegrias (geralmente focadas na perspectiva pessoal) e grandes decepções (muitas vezes oriundas da dimensão social), projetando a felicidade para algum ponto no futuro. Com esse artifício tentamos chegar ao dia seguinte, ao final do mês, ao próximo ano, buscando a cada dia apenas seu indefectível mal.

E é esse o processo ao qual nos submetemos na vida cotidiana em sociedade, exceto quando derivamos para o estado limítrofe de descrença, que nos leva à ação, ainda que de forma atabalhoada: o esforço (muitas vezes vão) para viver com cidadania o que, em nosso país, engloba também a árdua tarefa da maioria para sobreviver, ter acesso à educação e à saúde. A dificuldade para realizar tal exercício atormenta a consciência individual e corrompe a vida social. Remando contra a corrente, imersos no caos, muitas vezes parece insuficiente o consolo de saber que desistir da luta é dar lugar ao crescimento do mal.

Nesse impasse só resta, então, exortar à reflexão. Refletir para não cair na crença fácil em conclusões prontas, como a que leva a imaginar que a solução para a corrupção esteja na depredação da coisa pública. Refletir para não se deixar enganar pela armadilha do medo, que leva a retornar ao descontentamento inicial e referendar fórmulas que há muito se provaram maléficas. Refletir para ter coragem para buscar soluções inéditas e respostas efetivas ao desmazelo com o bem comum, obliterando a impunidade que, de alto a baixo, corrompe há séculos a vida social. Os editores desejam que no próximo ano nossas principais metas não se restrinjam a ver uma esfera passar através da linha do gol. Que como sociedade possamos encontrar aquilo que queremos, que não é apenas “mais”, mas – principalmente – melhor.

**Os editores**